

Brizola discute nova tática com pedetistas

L. C. MARANHÃO
Correspondente

Rio — A indistigável inquietação que os últimos números das pesquisas eleitorais — premiando o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, com uma confortável superioridade — provocada entre o comando da campanha do PDT, fez com que o presidente do partido, Leonel Brizola, desembarcasse ontem do Uruguai e se deslocasse imediatamente para uma reunião da cúpula partidária. Neste encontro, que entrou pela madrugada de hoje, a definição de novos rumos para ação pedetista foi colocada em pauta.

Mas todo cuidado é pouco para evitar transparecer que as pesquisas, com o seu peso relativo, estejam criando transtornos para a estratégia do PDT. O deputado César Maia, um dos principais quadros da área econômica do partido, chegou a negar a existência da reunião. Mas o coordenador nacional da campanha, o deputado Fernando Lyra, confirmou o encontro, embora negasse qualquer motivo extraordinário para a sua realização. Lyra, virtual candidato a vice de Brizola, voltou a reafirmar que "o nosso time ainda não entrou em campo", o que vai ocorrer, segundo anuncia, a partir da convenção do PDT no dia 25 de junho.

O deputado César Maia não contesta as pesquisas. "Acho que estes números são reais", admite. Considera, porém, que o eleitorado vai "digerir, decantar e chegar a uma conclusão" sobre o "personagem" Fernando Collor de Mello. No exame de César Maia, sempre tido como um dos principais estrategistas eleitorais do PDT, "dentro de dois meses, o quadro já será outro".

EQUIVOCOS

De habilidade política reconhecida até por adversários, o presidente do PDT, Leonel Brizola, já contabiliza equívocos no curso desta etapa preliminar da campanha sucessória, com consequências imprevisíveis para o desfecho da disputa. Um acompanhamento mais atento do seu desempenho até aqui, pode indicar que um dos erros de Brizola foi a ideia de que inevitavelmente o eleitorado brasileiro destinaria o seu voto a uma alternativa de esquerda nas eleições presidenciais — leia-se ele próprio ou o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. De qualquer modo, o dirigente do PDT é político acostumado a enfrentar adversidades, embora hoje, acuado pelas pesquisas, revele, como o comando da campanha, uma certa perplexidade. Entre alguns pedetistas mais críticos, uma tentativa de diagnóstico sistematiza alguns pontos que podem explicar as dificuldades de Brizola.

Dentro do pragmatismo como costuma tratar os acordos políticos, sem atentar para o aspecto ideológico, Brizola imaginou alianças à direita do PDT. Buscava se credenciar como alternativa moderada num eventual confronto com o PT, legenda que pretendia isolar como "radical". A ascensão de Fernando Collor de Mello provocou um verdadeiro estrago nas pretensões de Brizola. Os exemplos mais típicos: o senador Itamar Franco, em Minas, que acabou como vice na chapa de Collor; o prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin, do PDS, adesão tida como certa entre o pedetista,

também collorista. Brizola reagiu e chegou a sonhar com uma coligação com o PTB, dentro da chamada unidade trabalhista. Perdeu, uma derrota parcial, é certo, uma vez que vai ficar com parte do espólio petebista. Lideranças expressivas deste partido no Nordeste, como os ex-governadores, de Pernambuco, Roberto Magalhães, e do Ceará, Gonzaga da Motta, estão na campanha brizolista.

SINDICATOS

Na ansiedade de abrir uma porta para penetração de sua mensagem em São Paulo, um colégio eleitoral de 20 milhões até o momento indiferente ao PDT, Brizola foi buscar aproximação com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos Luiz Antônio Medeiros, uma espécie de arqui-inimigo da CUT, a central sindical a que estão filiados os sindicalistas do seu partido no Rio. Esta articulação acabou empurrando Brizola mais ainda para a direita, criando dificuldades intransponíveis para um eventual apoio do PT ao seu nome no segundo turno das eleições e provocando resistências até mesmo no interior do seu partido. Outro fator: a aproximação de Medeiros obviamente em nada contribuiu para que entre seguimentos expressivos do movimento sindical se desfizesse a imagem de um Brizola que pouco considera os setores organizados da sociedade.

IGREJA

Este item está relacionado com o anterior. Brizola escolheu o PT como alvo principal, diante da constatação decorrente dos resultados das eleições de novembro. Com receio do concorrente à esquerda e seguindo a intuição de buscar a imagem da moderação, investiu ainda contra a chamada Igreja progressista. Esta postura do presidente do PDT já lhe custa hoje dificuldades quando, diante do crescimento da candidatura Collor de Mello, tenta uma aproximação com estes setores imaginando, quem sabe, a necessidade de uma unidade de forças para combater o inimigo comum.

A insistência com que se recusa a trabalhar com um conjunto de propostas que possa ser tomado como programa, estaria reduzindo a eficácia da presença de Brizola na televisão, um canal de comunicação consagrado pelos pedetistas como a arma mais eficiente do candidato do partido. O agravante maior se relaciona com a tentativa de trazer como eixo de suas inspirações a exploração da memória getulista. "Os operários que tinham Getúlio Vargas como pai dos pobres já morreram", observou, com propriedade crítica, ao **CORREIO BRAZILIENSE**, o ex-dirigente comunista Luiz Carlos Prestes, na semana passada.

CENTRALIZAÇÃO

Este fator é considerado por setores significativos no PDT. O aparato que a campanha brizolista conseguiu reunir até o momento direcionado para o marketing eleitoral do candidato ainda não foi acionado por depender da aprovação de Brizola. O imobilismo estaria contribuindo para o vazio ocupado naturalmente pela candidatura que lidera as pesquisas.